

TRABALHANDO A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO DE DESENVOLVIMENTO NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS

Claudia Tavares Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
clautavarespedagoga37@gmail.com

Dilza Santos Amaral

Faculdade de tecnologia e Ciências-FTC
dilza_dsa@hotmail.com

Fernanda Giselle Moraes do Vale Cestari

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
nandacestari@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho, fruto do estágio supervisionado no ensino fundamental/series iniciais, realizado numa escola municipal, com essa ação pretendemos compartilhar as experiências vivenciadas, num primeiro momento com as observações, e posteriormente com as intervenções realizadas numa turma de terceiro ano. Onde identificamos como maior dificuldade dos alunos o desenvolvimento da leitura e escrita, tendo como maior desafio desenvolver intervenções que contribuíssem de alguma forma para a evolução dos alunos nessas dificuldades. Para nossas intervenções utilizamos como elemento norteador a literatura infantil, utilizando a contação e discussão de histórias numa perspectiva lúdica e interativa para, a partir dessa troca, provocar e estimular nos alunos, não só as habilidades necessárias para o desenvolvimento da leitura e escrita, mas principalmente, o prazer dos alunos em participar desse processo tão enriquecedor e emancipador, que é a capacidade de ler a palavra e o mundo a sua volta.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Desenvolvimento; Literatura infantil.

Introdução

O presente trabalho visa relatar as experiências vivenciadas primeiro a partir das observações e posteriormente das intervenções realizadas por nós estudantes do curso de pedagogia da UESB no Campus Juvino Oliveira de Itapetinga–BA, atividades estas desenvolvidas por meio da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental/Series Iniciais, realizado em uma Escola Municipal. O objetivo deste relato é compartilhar estas vivências experiências e intervenções que nós realizamos durante a nossa participação enquanto estagiários numa sala de ensino fundamental

Discorrer sobre a contribuição do Estágio Supervisionado na formação Docente, relatar também que durante as nossas observações na sala de aula, compreendemos que a principal dificuldade dos alunos daquela turma se referia à leitura e escrita, alunos com dificuldades para ler, outros com dificuldade de escrever, identificamos casos em que a criança ainda escrevia com letra bastão, por isso formulamos planos de intervenções que contemplasse a todos e contribuísse de alguma forma para o desenvolvimento da leitura e escrita deles.

O ato educativo nos leva a sermos pessoas participantes da realidade do contexto escolar, suas perspectivas e desafios, que nos são proporcionados e transformados em conhecimentos específicos da área, fatores esses que englobam diversas atividades voltadas a interdisciplinaridade e de cidadania, onde também são trabalhados os conceitos de direitos e deveres assimilados a partir dos conflitos existentes entre aluno/aluno constitui o objetivo deste relatório de estágio, conforme citado na resolução cne/cp nº 1, de 15 de maio de 2006.

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo.

Sendo assim a prática pedagógica é muito importante no aprendizado dos alunos, pois vai além da transmissão de conteúdos, é também uma prática cidadã, pois estimula a inteligência bem como a habilidade intelectual e psíquica, favorável a formação da personalidade, refletida em éticas de respeito ao próximo, que nos remete a indagar por que os conflitos acontecem e como mediá-los.

Entendemos que as dificuldades enfrentadas pelas crianças no contexto escolar, principalmente no aprendizado da leitura e escrita não são inerentes a elas, mas estão atreladas a outros fatores que vão além do ambiente escolar, aparecendo ao longo do processo de aprendizagem, dentro destas, a dificuldade na leitura e escrita tem sido reconhecida como um fator recorrente que interfere diretamente no aprendizado e na autoestima do aluno. É importante notar que crianças com essa dificuldade possuem outras habilidades e facilidades para aprender, permitindo a compensação e a superação das dificuldades iniciais.

Para trabalhar com a problemática apontada na observação escolhemos desenvolver nossas intervenções utilizando como elemento principal a literatura infantil, explorando a contação de

histórias, discussão e descrição dessas histórias infantis, utilizando essas histórias para desenvolver e estimular nos alunos nas mais variadas habilidades, necessárias para o desenvolvimento da leitura e escrita deles.

Segundo Leite (2001), podemos dizer que ler não é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão uma consequência natural dessa ação. Conforme cita Geradi (2006), a escola vem produzindo grande quantidade de leitores que são capazes de identificar qualquer texto, porém, com enorme dificuldade de compreendê-los.

O desenvolvimento da leitura e escrita é um processo reflexivo de ler e escrever com intenção, dessa forma, escrevendo e compreendendo o contexto produzido. Freire (1989) ressalta que, a atividade de ler não termina na leitura pura da palavra, pois, a leitura do mundo precede à leitura da palavra. Freire coloca que a alfabetização sem ligação com o contexto político não atende à perspectiva do letramento. Por isso, é preciso se ter o domínio da leitura e escrita de forma igualitária, subentende que ao mesmo tempo em que o educando domina as técnicas de escrita e leitura, vão também refletindo acerca da realidade em que vivem.

Portanto, acreditamos que se faz necessário que a escola busque o resgate do hábito de ler, desenvolvendo dessa forma o valor da leitura de forma prazerosa, e além de contribuir para a emancipação social e intelectual desses alunos, promove ainda a promoção da cidadania e o despertando neles desde cedo a um indivíduo com o senso crítico e reflexivo.

Desafios encontrados ao longo do processo

Ao aprendizado da leitura e da escrita, faz-se necessário a superação de algumas concepções no contexto da prática pedagógica na sala de aula. E a questão principal é como se ensina a ler e a escrever na perspectiva da aprendizagem. Pesquisas realizadas sobre o aprendizado da escrita e da leitura, tanto na área da linguística como na psicologia, foram apontando para necessidades urgentes de mudanças na concepção que se tinha até então da escrita, do ensino e aprendizagem de ambas.

Segundo Leite (2001), podemos dizer que ler não é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão uma consequência natural dessa ação. Geradi, (2006), a escola

vem produzindo grande quantidade de leitores que são capazes de identificar qualquer texto, porém, com enorme dificuldade para compreender o que lêem.

Acreditamos que o processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas somente na decodificação. Entende-se que se deve fazer o contrário, ou seja, oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler, usando os procedimentos que os bons leitores utilizam:

"Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégia de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade". (PCNs, 1997 p. 54).

É comum, nas séries iniciais, a criança lidar com a leitura por meio da oralidade e, isso tem dado bons resultados, porque os textos lidos - geralmente crônicos dos fatos jornalísticos, contos de fadas - possuem certa facilidade para serem memorizados.

A criança aprende por meio da repetição, seguindo um modelo pré-estabelecido. A aprendizagem torna-se, portanto, um processo mecânico, repetitivo, não levando em conta o contexto sócio histórico e nem o desenvolvimento psicológico da criança. Exige-se dela adaptação ao método e não o método a ela. A compreensão é negada a partir dos exercícios de interpretação de textos, que não permitem que a criança seja sujeito de sua leitura.

Na maioria das vezes a leitura ganha um toque de seriedade. Os personagens, na visão das crianças, não são apenas divertidos e engraçados, eles possuem sensibilidade, as emoções aparecem espontaneamente como se fizessem parte da condição humana. Vamos encontrar nos PCNs (1997) a seguinte opinião:

Para aprender a ler, portanto, é preciso lidar com a diversidade de texto, e os leitores para participarem de atos de leitura de fatos, precisam negociar o conhecimento que já têm e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda (PCNs, 1997, p.54).

Souza (2003) diz que o homem é um ser histórico-social, situado no tempo e no espaço, alguém produtor de texto, que tem voz, dialoga, interage, entra em confronto com o outro e que o

professor que leva em conta essa realidade, procura no processo de ensino da língua considerar, problematizar e questionar as necessidades de vida do educando.

Nesse sentido, a sua preocupação maior não é só como programar, mas preocupa-se com o aluno contextualizado. O tempo da criança é ocupado com conteúdos e atividades que desenvolvam o raciocínio, o discernimento, a criatividade, a competência comunicativa e o gosto pela leitura. Tudo isso aumenta a auto-estima e a confiança, desenvolve o lado afetivo e ainda ajuda a criança a compreender a si mesmo, o outro e o mundo.

Ao insistir para que o aluno leia, o professor irá fazer com que suas dificuldades sejam externadas, ou seja, o aluno irá começar a soletrar, ler silabicamente. As crianças precisam de tempo para decifrar a escrita e cada criança tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado, por isso, deve ler em ritmo acentual, sem pressa.

A falta de controle sobre a velocidade colocada na dinâmica da leitura pode fazer com que o aluno acabe de ler e não consiga se lembrar. O ato de aprender a ler é uma tarefa muito difícil e delicada. Os professores exigem muito mais do aluno com relação à escrita do que com relação à leitura, ou seja, a escola parece não saber como o aluno faz quando lê.

A leitura e a escrita exigem das crianças novas habilidades, que não faziam parte de sua vida cotidiana até aquele momento e apresenta novos desafios à criança com relação ao conhecimento da linguagem.

Por isso, aprender a ler é uma tarefa difícil para todas as crianças e não apenas para aquelas que têm dificuldades na leitura e na escrita. Nem todas as crianças dispõem das mesmas idéias e experiências prévias em relação à linguagem escrita. Tais idéias nascem a partir da reflexão sobre a experiência vivenciada.

Para Guerra (2002), crianças com dificuldades de aprendizagem não são deficientes, não são incapazes e, ao mesmo tempo, demonstram dificuldades para aprender. Incapacidades de aprendizagem não devem ser confundidas com dificuldades de aprendizagem.

Para Fonseca (1995), a criança com dificuldade não deve ser rotulada como deficiente. Trata-se de uma criança normal que aprende de uma forma diferente, a qual apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperada.

Em muitos lares não se lêem jornais, livros ou revistas, não se escreve nem se lê contos a todas as crianças. De qualquer forma, a cultura escrita requer maior informação do que a que habitualmente é oferecida em casa.

E cabe à escola oferecer esses outros elementos que contribuem no processo do aprendizado da leitura e escrita, buscando sempre a forma mais prazerosa possível para o aluno, esse o grande papel da escola neste processo, produzir uma atmosfera que facilite o desenvolvimento do aluno, respeitando o tempo e a forma como cada um absorve aquilo que é preciso para aprender.

Metodologia utilizada

Compreendeu-se a necessidade da leitura na vida do estudante, por isso, a escolha pela leitura de histórias infantis, buscando dessa forma, a interdisciplinaridade nos conteúdos trabalhados, convidando esses alunos a escreverem o que entenderam das histórias.

Quando lemos identificamos localização, abrangendo assim as ciências naturais, humanas e geográficas, quando contamos uma época utilizamos a matemática e assim sucessivamente, pois é importante utilizarmos a interdisciplinaridade.

Mas esse trabalho também é de cunho bibliográfico, pois buscaremos recursos bibliográficos para fundamentar o nosso plano de ação, por entender que é essencial conhecermos o que propomos a sala de aula da escola em questão.

Continuaremos trabalhando os conteúdos da escola, utilizaremos à sequência didática e conteúdos ligados a literatura infantil, para que não ocorra uma quebra da sequência que a professora já vem trabalhando, pois isso poderia causar certa confusão na cabeça das crianças.

Nossas atividades serão realizadas no período de duas semanas e pretendemos com esse trabalho, melhorar a percepção e compreensão das crianças no processo de leitura e escrita, dessa forma deixando nossa contribuição no processo de ensino e aprendizado dos alunos.

Nossas vivências

Tentar compreender a nossa jornada de desafios requer entender que o estagio é importante ferramenta para se alcançar êxito em nossa caminhada profissional então a nossa tarefa era começar

pela observação, durante alguns dias fomos à sala, ficamos sentados no fundo, observando a forma como a professora trabalhava, o modo como ela lidava com eles, o jeito como a os alunos respondiam ao modo de trabalho e a forma como a professora conduzia a sala de aula.

De cara, nos deparamos com uma sala numerosa, no total haviam 30 matriculados, mais sempre faltavam dois ou três alunos, o espaço físico da sala não era o ideal para aquela quantidade de alunos, principalmente porque a professora organizava as crianças de forma enfileirada, como é comum na maioria das escolas, resquícios da pedagogia conservadora.

Na nossa observação identificamos claramente a dificuldade de muitas crianças na leitura e na escrita, alguns ainda escreviam com letra bastão, tinha ate uma criança que nem a bastão conseguia escrever ainda. Era notório que existia na sala alunos que estavam em níveis de aprendizado e conhecimento diferentes, alguns ainda não tinham alcançado as habilidades necessárias para estar naquela serie.

Diante de toda aquela diversidade e níveis de saberes, percebemos que teríamos um grande desafio pela frente. A metodologia que escolhemos para tentar contribuir de alguma forma na evolução daqueles alunos no desenvolvimento da leitura e escrita foi a literatura infantil, a contação e exploração das histórias infantis.

Mantemos alguns hábitos da rotina que eles estavam acostumados, como oração, chamada, e principalmente o habito de levar histórias pra casa para serem contadas no dia seguinte. Escolhíamos dois alunos aleatoriamente e esses ficavam na incumbência de ler a história em casa com o auxilio dos pais e, no outro dia compartilhar com a turma.

Na primeira semana, nosso trabalho começou a partir dessas histórias, depois que o aluno contava para a turma a sua versão da historia que ele levava para casa, nós começávamos a explorar esta história com os alunos, tanto na parte oral, onde estimulávamos a interpretação da história, indagando os alunos sobre varias questões presentes nas histórias, e também a parte inscrita, onde depois de toda a discussão acerca da história lida, nós explorávamos um pouco da gramática pedindo que eles escrevessem determinadas palavras que estavam contidas na história lida, e por fim, eles tentavam escrever a sua versão, o que cada um tinha entendido daquilo que tínhamos lido e discutido.

Em alguns momentos escrevíamos palavras específicas no quadro, todas retiradas das histórias contadas, para trabalhar tanto o significado quanto a própria escrita, e nesse momento era preciso dividir o quadro ao meio, pois, precisávamos escrever as palavras tanto cursiva quanto na forma bastão, já que como identificamos no início, tinham alunos nas duas formas de letramento, e se esquecêssemos de colocar as duas formas eles imediatamente cobravam da gente; “escreve do outro jeito também?”.

O momento da escrita das palavras no quadro era gritante as dificuldades sobre o modo bastão ou cursiva, a todo o momento eles vinham pedindo ajuda, perguntando se estava correto ou não, nesse momento ficava mais perceptível os alunos que tinham maior facilidade na escrita e os que tinham maior dificuldade, e nós procurávamos dar mais atenção aos que tinham dificuldades.

Além das histórias contadas por nós quanto pelos alunos, utilizamos o recurso áudio/visual das histórias em vídeo, e eles adoravam quando usávamos vídeos na compreensão das histórias contadas.

Num segundo momento a pedido da Regente precisamos trabalhar sobre os alimentos saudáveis e não saudáveis, pois fazia parte do planejamento da escola, então para chegarmos nesse “tema” passamos o vídeo da história “A casa sonolenta”, que dentre outras coisas fala da cozinha e dos alimentos, a partir dessa história introduzimos a discussão acerca dos alimentos saudáveis e não saudáveis, sempre na mesma dinâmica discutindo e estimulando a interpretação da história e depois explorando a parte escrita da mesma.

Iniciamos a segunda semana fechando a discussão a respeito dos alimentos saudáveis, trabalhamos a pirâmide alimentar, a sala foi dividida em dois grupos; cada estagiário orientava um grupo, cada grupo construiu a sua pirâmide, depois de desenharem a pirâmide numa cartolina os alunos procuravam e recortavam as figuras nos livros, o objetivo era trabalhar a motricidade e a criatividade da turma na construção da pirâmide.

Foi um momento bem descontraído, todos sentados no chão da sala, cortando papel e depois colando as figuras. Depois da pirâmide pronta, os alunos recolheram as sobras de papel espalhadas pela sala e jogaram no lixo, e apresentados às duas pirâmides para alguns funcionários da escola que foram os “juízes” que avaliaram o trabalho deles.

A professora nos pediu que incluíssemos em nosso planejamento a discussão sobre o folclore brasileiro, pois naquela semana todas as turmas discutiriam essa temática, nós atendemos ao pedido da professora.

Como nosso folclore é recheado de histórias e lendas, continuamos trabalhando a literatura brasileira, nesse momento trabalhou-se especificamente as histórias que contavam as lendas, cantigas e parlendas do nosso folclore, utilizamos o autor Monteiro Lobato e O sitio do pica pau amarelo.

A literatura no processo social de alfabetização e letramento do aluno

Como as lendas possuem uma conotação lúdica e mística, característica que as diferenciava das histórias que vínhamos trabalhando, utilizamos principalmente a contação por meio de vídeos, como forma de valorização às características que mexem com o imaginário das crianças, além de ser uma metodologia bem interessante e que eles gostam bastante, pois ficavam de olhos vidrados e atentos na telinha.

Segundo Freire (2008), “A alfabetização não pode ser determinada como um aprendizado fechado, mas como um processo aberto e contínuo de letrar e alfabetizar que se auto-organiza e qualifica-se em todo ciclo escolar para práticas sociais e de vida”. Propõe a alfabetização como recurso de mudança social, caracterizando assim prática da educação como forma libertadora do homem, isto é, o individuo como um ser atuante e transformador do seu meio. Precisamos entender o contexto social que essa criança está inserida, compreendendo a escola como uma instituição e, portanto produto desse meio.

Foram Trabalhadas as mais variadas lendas, dentre eles a do “Saci Pererê”, da “Mula Sem Cabeça”, “da índia Caipora”, do “Boitatá”, do “Lobisomem”, da “A Sereia Iara”, “O Curupira” e “O Boto Cor de Rosa”, como era a nossa pratica, ao final do vídeo de cada história discutíamos em roda de conversação a história no intuito de estimular eles na interpretação daquelas histórias, respeitando claro, os limites e o tempo de cada aluno, de forma aleatória fazíamos perguntas a respeito da lenda que fora passada e discutida e pedíamos que eles respondessem escrevendo no quadro, alguns ficavam mais acanhados mais todos vinham a frente, os que tinham dificuldade na hora da resposta no quadro contavam com a ajuda dos colegas. Em outro momento escrevíamos

varias palavras retiradas das histórias e eram escritas no quadro, daí fazíamos perguntas cuja resposta eles tinham que identificar qual palavra correspondia à pergunta.

A literatura infantil é uma ferramenta eficaz no processo de alfabetização e letramento da criança, pois ao evidenciar a literatura infantil no processo de alfabetização e letramento se concretiza e contextualiza, trabalhando de forma lúdica e prazerosa, e isso ocorre no âmbito educacional e social justamente pela a importância que a literatura infantil tem na construção do saber desse aluno, pois ao levar a historinha para casa, ou ouvir um conto ou uma lenda, ele se envolve e de fato se forma enquanto leitor que é, transformando-os em crianças leitoras, quando lêem ou ouvem uma historia essa criança ativa a sua imaginação e produção de novas historias.

Segundo Faria (2004),

A capacidade de educadores para perceber a riqueza e a estrutura do livro de literatura infantil é uma das alternativas para não reduzir a literatura a uma abordagem meramente pedagógica. Explorar o livro infantil, sua narrativa, suas ilustrações, seu significado é um recurso que deve ser abordado com competência e criatividade.

Trazer o livro de literatura infantil para o processo de alfabetização e letramento não significa apenas entender este instrumento pedagógico como algo descontraído e desvinculado das atividades rotineiras. Isso vai além do espaço preparado para a leitura descontraída que precisa ser estrutura obrigatória da instituição, a literatura infantil precisa estar dentro das salas de aula como trabalho pedagógico. Este por sua vez tenciona e oferece conhecimentos intelectual.

O nosso objetivo era que através da Literatura eles pudessem se desenvolver tanto na leitura, quanto na escrita, com isso exercitava a interpretação e compreensão dos textos, a priori foi o que observamos ser um dos maiores desafios desses alunos. Precisamos usar o livro não só para a produção de atividades didáticas, mas proporcionar momentos lúdicos de leitura e escrita, pois ao ler um livro, varias potencialidades pode ser aplicadas na sala, enfim o livro e a história podem ser explorados pelo educador e pelo educando, como explanamos no início desse trabalho, quando relatamos que ao ler para os alunos, explorávamos ao máximo e eles se envolviam nas atividades.

Chegamos à reta final do nosso trabalho, ainda sobre o folclore, optamos por uma dinâmica, elaboramos uma espécie de labirinto no papel madeira, onde eles do ponto de partida até o ponto de chegada tinham que ir respondendo, o labirinto era recheado de perguntas sobres às histórias, parlendas, cantigas, trava língua e lendas do folclore que tínhamos trabalhado. Dividimos a sala em

dois grupos, cada grupo tinha um representante, iam avançando à medida que respondiam as perguntas no caminho, cada grupo ajudava seu representante nas respostas, creditamos que a competição mexe com o espírito competitivo deles, todos queriam chegar primeiro no final do labirinto.

Enfim chegamos ao final do estágio, aonde oferecemos um lanche com bolo, suco e lembrancinhas para cada um, fizemos uma festinha de despedida, agradecemos a eles e a escola por nos permitido compartilhar essa experiência com eles. Ao final o momento mais marcante para nós, foi ver as lágrimas de algumas crianças pela nossa partida, em pouco tempo conseguimos criar um vínculo recíproco com aquelas crianças, por isso reafirmamos a nossa escolha e felicidade em estagiar numa escola da periferia da cidade, muitas vezes discriminada por uma sociedade excludente.

Conclusão

Portanto em suma consideramos que a intervenção foi bastante satisfatória, pois contemplou o aprendizado dos alunos através da literatura, um recurso transformador e de construção do saber. Os dados e os fatos discutidos perante os referenciais teóricos analisados até aqui, concluimos que há a necessidade de continuar o processo em sala de aula, e isso a Regente é bem consciente na aplicação da literatura na sala, no que tange o aspecto positivo, a fim de abarcar as reais necessidades de letramento e escrita dos alunos é uma rotina diária as crianças levarem livros para casa.

De acordo com autores como Freire (2008), Soares (2008), Kleiman (2005), Tfouni (2006) e Abromovich (1997), todo o processo de alfabetização da escrita e do letramento compartilhado com a literatura infantil são métodos que qualificam o conhecimento e o contextualizam entre si. O livro de literatura infantil como uma ferramenta valiosa para todos os envolvidos na sala e na escola como meio propulsor de desenvolvimento para promoção da melhor qualidade da aprendizagem. Pois quando lemos nos formamos seres críticos e reflexivos e isso o professor precisa compartilhar com as crianças, quando levam o livro para casa, exercitam esse hábito a toda família, o essencial é

que reconhecemos enquanto futuros pedagogos a importância da Literatura Infantil no Processo de Alfabetização.

Referências

BRASIL, Lei 6.494 de 7 de dezembro de 1977 que define no Art. 1º Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FARIA, M. A. Como usar a literatura infantil na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: Gostosas e Bobices. São Paulo, 1997.

KLEIMAN, Ângela. Preciso ensinar o letramento: não basta ensinar a ler e a escrever? Linguagem e letramento em foco. 2005.

SOARES, Magda. Escolarização da literatura infantil.

GUERRA, L.G. A criança com dificuldade de aprendizagem; considerações sobre a teoria-modo de fazer. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

FONSECA, D.A. Introdução às dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa - Brasília, 1997.

LEITE, S. A. S. (Org.). Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas Pedagógicas. 2001.

SOUZA, Luzinete Vasconcelos. As Proezas das Crianças em Texto de Opinião. São Paulo. Merendo de Letras, 2003.

FREIRE, Paulo. Que fazer: teoria e prática em educação popular. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.